

# 1 From Incompatibility to Incommensurability: Notes on Isaiah 2 Berlin's Value Pluralism

3 Jonathan Goudinho

4 Received: 10 April 2021 Accepted: 3 May 2021 Published: 15 May 2021

5

---

## 6 Abstract

7 The contemporary public debate is permeated by diverse challenges to social life, especially  
8 because of the plurality of groups and convictions that are articulated in decision-making  
9 spaces. In Western societies, because of the process of secularization, there are no more  
10 exclusive systems of values that are capable of giving full meaning to the human experience in  
11 the community. From the context of the diversity of beliefs and values, this paper research  
12 discusses the thought of the Russian- Jewish philosopher and historian of ideas Isaiah Berlin  
13 (1909-1997), who developed a doctrine of value pluralism. For Berlin, a notable advocate of  
14 liberalism and one of the leading intellectuals of the twentieth century, pluralism is a principle  
15 of crucial importance for contemporary society as it postulates the coexistence of different  
16 systems of moral values and conceptions of good without trying to escape of the inevitable  
17 conflict between such values and conceptions.

18

---

19 **Index terms**— isaiah berlin, value pluralism, religion and politics, religion and contemporaneity  
20 From Incompatibility to Incommensurability:

21 Notes on Isaiah Berlin's Value Pluralism Jonathan Goudinho

22 Abstract -The contemporary public debate is permeated by diverse challenges to social life, especially because  
23 of the plurality of groups and convictions that are articulated in decision-making spaces. In Western societies,  
24 because of the process of secularization, there are no more exclusive systems of values that are capable of giving  
25 full meaning to the human experience in the community. From the context of the diversity of beliefs and values,  
26 this paper research discusses the thought of the Russian-Jewish philosopher and historian of ideas Isaiah ??erlin  
27 (1909 ??erlin (-1997)), who developed a doctrine of value pluralism. For Berlin, a notable advocate of liberalism  
28 and one of the leading intellectuals of the twentieth century, pluralism is a principle of crucial importance for  
29 contemporary society as it postulates the coexistence of different systems of moral values and conceptions of good  
30 without trying to escape of the inevitable conflict between such values and conceptions. Berlin's formulation,  
31 situated at the intersection of political philosophy and the history of ideas, indicates that moral values can be  
32 equally valid and yet incompatible and incommensurable, resulting in conflicts that do not allow for resolution  
33 without reference to particular contexts of decision. Therefore, from a theoretical approach of a conceptual and  
34 analytical nature, we seek to interpret Isaiah Berlin's pluralistic notion, that emerges as a valid theoretical system  
35 to foster academic approaches to value conflicts within plural societies.

36 Keywords: isaiah berlin, value pluralism, religion and politics, religion and contemporaneity, conflicts between  
37 religious and secular.

38 I.

## 39 1 Introdução

40 aõ e? novidade que uma das caracteri?ticas do mundo moderno e? o pluralismo. Trata-se de um traco irremovivel  
41 do nosso tempo. A reflexaõ sobre o pluralismo e? uma categoria-chave no percurso intelectual do filósofo político  
42 e historiador das ideias russo-judeu Isaiah ??erlin (1909 ??erlin (-1997)), que se tornou protagonista no campo  
43 em questião. Naõ e? exagero considerar, como fez Roger ??ausheer (2002, p. 38), que "o pluralismo de valores de  
44 Berlin e? uma das doutrinas mais ousadas e promissoras a surgir na histo?ia recente do pensamento ocidental".

## 1 INTRODUÇÃO

---

45 Embora Berlin seja majoritariamente conhecido por sua distinção conceitual entre liberdade negativa e  
46 liberdade positiva, e? no campo do estudo do pluralismo que provavelmente reside a sua contribuição intelectual  
47 mais importante. Para ele, reconhecido como um dos principais intelectuais do século XX, o pluralismo de valor  
48 é um princípio caro à sociedade contemporânea, que permite a coexistência pacífica de diferentes interesses,  
49 convicções e concepções do bem.

50 A formulação do filósofo, situada no campo da teoria social e política, propõe que os valores humanos existentes  
51 nas sociedades são diversificados, frequentemente conflitantes e não combináveis, isto é, não comparáveis por meio  
52 de nenhum critério puramente racional. Os valores morais podem ser equitativamente válidos e, ainda assim,  
53 incompatíveis e/ou incomensuráveis, o que resulta em conflitos que não admitem resolução sem referência a  
54 contextos particulares de decisão.

55 Como Noel ??nnan (2002, p. 14) já havia advertido, pluralismo é uma palavra pouco precisa, cujo sentido é  
56 comumente associado à aceitação de que "há muitos grupos e interesses na sociedade, e uma boa sociedade cuida  
57 para que eles tolerem a existência uns dos outros", um compromisso pragmático. De modo objetivo, contudo,  
58 pluralismo de valor é o termo que procura expressar a visão segundo a qual os valores humanos são variados  
59 em suas fontes e justificativas, o que os torna independentes uns dos outros, "não expressáveis ou conversíveis  
60 em qualquer medida comum, não classificáveis em qualquer hierarquia estável e aptos a entrar em conflitos, por  
61 vezes insolúveis" (CHERNISS, 2013, p. 44-45). Neste sentido, trata-se de um fenômeno bastante familiar aos  
62 seres humanos (RAZ, 1996, p. 179). O pluralismo de Isaiah Berlin postula que já que não é possível darmos uma  
63 resposta definitiva às questões morais e políticas, ou em realidade a toda a questão de valor, e mais ainda, já que  
64 certas respostas dadas pelas pessoas, e que estão autorizadas a fazê-lo, não são compatíveis entre si, é preciso  
65 abrir espaço para uma vida na qual os valores possam se revelar incompatíveis, de maneira que, se devemos evitar  
66 um conflito destruidor, compromissos possam ser obtidos, e um grau mínimo de tolerância, mesmo dado contra  
67 a vontade, tornar-se-á indispensável. (JAHANBEGLOO, 1996, p. 73).

68 As noções de pluralismo permeiam o trabalho de Isaiah Berlin desde o início de sua carreira, permanecendo  
69 durante toda a vida intelectual. A primeira aparição do tema como problema de pesquisa se deu em período  
70 anterior à atividade docente, em um artigo apresentado em reunião da Aristotelian Society a.C.) 3 Outro tópico  
71 sobre o qual o filósofo se debruçou com os colegas durante o período foi o fenomenismo, na tentativa de descobrir  
72 se a experiência humana estava restrita àquela fornecida pelos sentidos ou se existia uma realidade independente  
73 desta experiência. Foi no percurso dessa investigação que para esboçar uma espécie de pluralismo metodológico,  
74 que o seguiria por toda a vida -e desembocaria em um pluralismo ético.

75 No texto, Berlin denuncia a aplicação de métodos inadequados para a análise de qualquer traço da vida humana,  
76 como quando um moralista funda, a partir de seu arcabouço teórico, uma análise estética da moral. O filósofo  
77 argumenta que quando os padrões são retirados da sua esfera adequada e aplicados a outras indistintamente,  
78 conduzem "a uma completa confusão de palavras e valores, criando um caos, uma atmosfera nebulosa" (BERLIN,  
79 1930, p. 492).

80 Desse modo, conclui que não deveria ser concebível que qualquer ser humano inteligente pudesse conscientemente  
81 "negar que cada atividade se desenvolve a partir de si mesma e envolve a conformidade com seu próprio  
82 padrão privado e, portanto, requer o uso crítico de seu próprio critério peculiar" (BERLIN, 1930, p. 501). Era o  
83 primeiro indício de sua inclinação pessoal ao pluralismo.

84 No período posterior, especialmente na segunda metade da década de 1930, Isaiah Berlin engrossou as fileiras  
85 da filosofia analítica. Ele se ocupou, com outros colegas de Oxford, da reflexão sobre a natureza do significado  
86 em relação à verdade e à falsidade, especialmente na questão da verificabilidade. O pensamento dominante nos  
87 círculos filosóficos de Oxford daquele tempo postulava a ideia de que o significado de uma proposição era o  
88 modo como era verificável: se não houvesse nenhuma maneira de verificar o que havia sido dito, então não seria  
89 possível atribuir caráter de verdade ou falsidade ao enunciado. Assim, a afirmação seria sem sentido empírico  
90 objetivo. Berlin nunca se enquadrou por completo a essa perspectiva, por considerar que as afirmações não  
91 eram "necessariamente passíveis de serem verificadas por algum critério simples arrasador" (BERLIN, 2005, p.  
92 18). Por isso, ele costumava afirmar mais como um herege do que um verdadeiro discípulo desta escola de  
93 pensamento. O filósofo sustentava que apesar da experiência empírica ser tudo que as palavras podem expressar  
94 -que não há outra realidade -, ainda assim a verificabilidade não é o único, nem realmente o mais plausível critério  
95 de conhecimento, crenças ou hipóteses. (BERLIN, 2005, p. 19).

96 Berlin se deparou com o monismo presente em toda a tradição do pensamento ocidental, fator crucial para  
97 a elaboração de sua noção de pluralismo. Ele mesmo afirmava que a "suspeita de que uma grande parte da  
98 filosofia estava num caminho ilusório veio mais tarde dominar as [suas] ideias numa conexão completamente nova  
99 e diferente" (BERLIN, 2005, p. 21).

100 Tal conexão ganhou consistência somente após a Segunda Guerra Mundial ??1939) ??1940) ??1941) ??1942)  
101 ??1943) ??1944) ??1945), durante a qual Isaiah Berlin atuou como oficial do serviço diplomático britânico em  
102 Washington, nos Estados Unidos, e em Moscou, na então União Soviética (nesta última, no período imediatamente  
103 posterior ao conflito armado). A partir de então, o enfoque do intelectual passou a ser o significado e a aplicação  
104 da noção de liberdade e a formulação de um pensamento pluralista -em resposta ao monismo, "a tese central da  
105 filosofia ocidental desde Platão até nossos dias" (BERLIN, 2005, p. 22).

---

106 **2 II.**

107 **3 A Questão Dos Valores**

108 A esta altura, é necessário clarificar o que Isaiah Berlin comprehende por valor, uma vez que este é o núcleo por  
109 meio do qual todo o seu pensamento é formulado e estruturado -teórica e praticamente. Em geral, valores são  
110 considerados "produtos da mente humana, como pensamos sobre o mundo, nossas categorias conceituais e assim  
111 por diante" (DRUGGE, 2013, p. 55). O ponto de partida para a reflexão de Berlin sobre o tópico é a constatação  
112 de que "existe um mundo composto de valores objetivos [...], buscados pelos homens por eles mesmos, para os  
113 quais as outras coisas não passam de meios" (BERLIN, 1991, p. 21). A reflexão sobre o pluralismo e, em última  
114 instância, sobre os valores, é fixada por Berlin como pertencente ao campo do pensamento ético, que consiste  
115 no exame sistemático das relações que os seres humanos estabelecem entre si, das concepções, interesses e ideais  
116 a partir dos quais surgem as formas com que os seres humanos tratam uns aos outros; consiste igualmente nos  
117 sistemas de valor sobre os quais se baseiam esses propósitos humanos. As crenças referentes à maneira como  
118 a vida deveria ser vivida, ao modo como homens e mulheres deveriam ser e agir, são objetos da investigação  
119 moral; quando aplicadas a grupos e nações e, na verdade, à humanidade como um todo, são chamadas de filosofia  
120 política, que nada mais é do que a ética aplicada à sociedade. (BERLIN, 1991, p. [13][14]).

121 A concepção berliniana de valor preconiza ideias sobre o que é bom ser e o que é bom fazer: são noções sobre  
122 que tipo de vida, que tipo de ações e a que estado de vida os seres humanos devem aspirar. Desse modo, o  
123 entendimento do nosso filósofo sobre ética fundamenta-se na sua crença na importância de conceitos e categorias  
124 éticas normativas, especialmente os valores.

125 Isaiah Berlin não se deteve em formular uma teoria sistemática sobre a natureza dos valores, de tal maneira  
126 que sua visão sobre o assunto é extraída de seus estudos sobre a história das ideias. Ele parte do endosso da  
127 visão romântica segundo a qual os valores não são descobertos no mundo exterior, isto é, não são deduzidos ou  
128 derivados da natureza -visão que atribui a Kant e também a Hume. Antes, valores são criações humanas que  
129 derivam sua legitimidade exatamente disso.

130 Não obstante, Berlin também considera que há determinadas características dos seres humanos que são  
131 invariáveis, constituídas ao longo da história da humanidade e que tornam certos valores importantes ou  
132 necessários. Assim, cada valor é obrigatório para os seres humanos em relação às suas próprias reivindicações e  
133 em seus próprios termos -e não em termos de qualquer outro valor ou qualquer outro objetivo. Destarte, tem-se  
134 que Berlin considera os valores como invenções humanas, mas que são objetivos. Como recordam Cherniss e  
135 Hardy (2016), há pelo menos duas considerações sobre a objetividade dos valores no pensamento de Berlin, quais  
136 sejam:

137 A primeira é que os valores são "objetivos", pois são simplesmente fatos sobre as pessoas que os detêm -de modo  
138 que, por exemplo, a liberdade é um valor "objetivo" porque eu a valorizo e me sentiria frustrado e miserável sem  
139 pelo menos uma quantidade mínima dela. A segunda é que a crença em ou a busca de certos valores é o resultado  
140 de realidades objetivas da natureza humana -de modo que, por exemplo, a liberdade é um valor "objetivo" porque  
141 certos fatos sobre a natureza humana tornam a liberdade boa e desejável para os seres humanos. Essas visões  
142 não são incompatíveis entre si, mas são distintas. (CHERNIS; HARDY, 2016, grifos do autor).

143 Para desenvolver sua formulação sobre o pluralismo de valor, Isaiah Berlin partiu da reflexão sobre o paradigma  
144 tradicional do Ocidente: a ideia de que todos os bens genuínos são compatíveis e, mais que isso, que acarretam  
145 ou implicam uns aos outros (BERLIN, 2002, p. 158). Tal concepção, que por vezes Berlin pontua ser anterior à  
146 Sócrates, foi emulada em diferentes épocas e perspectivas, mas quase sempre associada àquela visão preconizada  
147 por Aristóteles e que encontra excelente síntese na seguinte declaração: "o aparente e trágico conflito de certo  
148 com certo advém das inadequações da razão, não do caráter da realidade moral" (MACINTYRE, 1988, p. 142).  
149 A concepção de racionalidade subjacente a tal afirmação revela que para cada questão genuína deve haver, pelo  
150 menos em princípio, uma única resposta correta.

151 Isaiah Berlin rejeita fervorosamente essa noção. O autor se insurge contra o compromisso elementar do  
152 pensamento ocidental, que resume em três proposições, as quais ressaltamos: (1) todas as perguntas autênticas  
153 podem ser respondidas, seguido da ideia de que (2) todas as respostas às perguntas são cognoscíveis, atrelada  
154 à suposição de que (3) todas as respostas devem ser compatíveis umas com as outras. A proposta que Berlin  
155 interpõe a tal perspectiva é a sua célebre doutrina do pluralismo de valor, que foi assim expressa pelo biógrafo  
156 intelectual do filósofo:

157 Ele ??Berlin] nega que bens genuínos, ou virtudes autênticas, sejam necessária ou verdadeiramente tais que  
158 a coexistência pacífica entre elas seja um estado possível da vida humana. Segundo Berlin, é verdade que  
159 muitos bens são rivais ou conflituosos. Além disso, Berlin nega que, ao ocorrer tamanha competição entre bens,  
160 ela é sempre passível de resolução pela aplicação de um padrão racional. Os bens humanos não são apenas  
161 frequentemente incompatíveis; eles às vezes são incalculáveis. (GRAY, 2000, p. 57).

162 **4 III.**

163 **5 Conflitos Inevitáveis**

164 A inevitabilidade dos conflitos morais -e a agonia da escolha que deles se sucedem -está no cerne do pluralismo  
165 de Isaiah Berlin. "Que não podemos ter tudo não é uma verdade contingente, mas necessária" (BERLIN, 2002,

166 p. 271), proclamava. O autor argumenta que os valores genuínos são muitos e podem entrar em conflito uns com  
167 os outros, o que, de fato, ocorre muitas vezes, quer seja "entre diferentes culturas, entre grupos pertencentes à  
168 mesma cultura ou entre você e eu" (BERLIN, 1991, p. 22). Quando há esse choque, isso não significa que um ou  
169 outro valor em disputa tenha sido mal interpretado ou, ainda, que um deles é mais importante que o outro. Disso  
170 decorre o nosso principal problema moral: o conflito entre bem e bem. Por isso, Berlin salienta que o mundo que  
171 encontramos na experiência comum é um mundo em que somos confrontados com escolhas entre fins igualmente  
172 supremos e reivindicações igualmente absolutas, e a realização de algumas dessas escolhas e reivindicações deve  
173 envolver inevitavelmente o sacrifício de outras. ??BERLIN, 2002, p. 269).

### 174 6 Do que se depreende que esses choques de valores constituem 175 a essência do que eles [os valores]

176 ] são e do que nós somos. Se nos dizem que tais contradições serão dissipadas em um mundo perfeito no qual  
177 todas as coisas boas podem, em princípio, ser harmonizadas, então devemos responder aos que afirmam isso que  
178 o sentido dos termos denotativos dos valores conflitantes não é o mesmo para nós e para eles. Devemos dizer que  
179 se encontra totalmente fora de nossa compreensão um mundo no qual não esteja em conflito aquilo que vemos  
180 como valores incompatíveis. ??BERLIN, 1991, p. 23).

181 A tese defendida por Berlin, portanto, postula que "qualquer moralidade complexa reconhece bens que são em  
182 suas próprias naturezas não compatíveis" (GRAY, 2000, p. 59). Ou seja, a possibilidade da incompatibilidade  
183 entre valores está atrelada à ideia segundo a qual os bens conflitantes possuem qualidades intrínsecas. Por conta  
184 disso, alguns valores mantêm relação tão próxima que transformam a adesão a um em uma exclusão automática  
185 de outro. "A liberdade total para os lobos é a morte dos cordeiros", reiteradamente afirmava Isaiah ??erlin  
186 (1991, p. 22), que concluía dizendo que "a liberdade completa é incompatível com a equanimidade [igualdade,  
187 em melhor tradução] total" (BERLIN, 2016, p. 62).

188 Não obstante a isso, a incompatibilidade de valores também é derivada da atitude dos indivíduos em relação  
189 aos próprios valores, isto é, está ligada à natureza humana. Dentre os seres vivos, apenas os humanos enfrentam  
190 qualidades intrínsecas de alguns valores que são incompatíveis. Assim, os conflitos resultantes do embate "entre  
191 concepções justas quanto a uma vida boa e [outros] valores justos devem ser reconhecidos como características  
192 inevitáveis de uma compreensão adequada da moralidade e da política" (KEKES, 1993, p. 21). A implicação  
193 prática dessa concepção é que o conflito - e a agonia dele decorrente -não pode ser eliminado da vida dos  
194 seres humanos, de tal maneira que "a necessidade de escolher entre reivindicações absolutas é, portanto, uma  
195 característica inevitável da condição humana" (BERLIN, 2002, p. 270):

196 No final, os homens escolhem entre valores supremos; e assim o fazem porque sua vida e seu pensamento são  
197 determinados por categorias e conceitos morais fundamentais que são, pelo menos ao longo de grandes extensões  
198 de tempo e espaço, uma parte de seu ser, pensamento e senso de identidade -uma parte do que os torna humanos.  
199 (BERLIN, 2002, p. 272).

### 200 7 IV. A Incomensurabilidade Dos Valores

201 Os fins últimos perseguidos pelos indivíduos podem não ser apenas incompatíveis. Eles também podem ser  
202 incomensuráveis. Essa é a segunda dimensão da doutrina pluralista de Berlin, amplamente reconhecida como  
203 a contribuição central de seu pensamento. 4 A discussão sobre a incomensurabilidade dos valores tem ganhado  
204 destaque ao longo das últimas décadas, especialmente após as investigações de Isaiah Berlin. 5 Assumir que dois  
205 ou mais valores são incomensuráveis não significa dizer, em absoluto, que haja incompletude ou imperfeição  
206 entre eles. Antes, 4 A propósito do uso dos termos incompatibilidade e incomensurabilidade de valores, é  
207 pertinente ressaltar que se tratam de fenômenos distintos. Há bens incompatíveis que são comensuráveis e há  
208 bens incomensuráveis que são compatíveis. Esse é um pressuposto importante para a reflexão sobre a temática,  
209 e que vai se tornando mais claro à medida que os conceitos são melhor esclarecidos. 5 John Gray presta um  
210 importante serviço ao elencar, na sua obra sobre o pensamento de Isaiah Berlin, algumas das contribuições mais  
211 esclarecedoras em relação à conceituação e implicações de incomensurabilidade de valores. Para verificar a lista  
212 bibliográfica completa indicada por Gray, da qual nos valemos para o desenvolvimento deste trabalho, cf. GRAY,  
213 2000, p. 205-206.

214 Volume XXI Issue VI Version I 46 ( ) indica que neles existe a verdade última, e que "não há nada além  
215 por detrás dela, nem ela é um sinal de imperfeição" ??RAZ, 1988, p. 327). O filósofo israelense Joseph  
216 Raz ofereceu um importante esclarecimento a esse respeito, destacando a irredutibilidade inerente à concepção  
217 de incomensurabilidade, segundo a qual em uma visão monista-redutora, quando se trocam os prazeres (e as  
218 ansiedades) de uma vida familiar por uma carreira como a de marinheiro, a pessoa está obtendo, ou esperando  
219 obter, a mesma coisa da qual está desistindo, seja felicidade, prazer, desejo-satisfação ou outra coisa. Enquanto  
220 planejar corretamente e conseguir executar os planos, não haverá perda de nenhum tipo. Abandona-se o prazer  
221 menor que se poderia obter na vida em família pelo prazer maior da vida no mar. Se o pluralismo de valores  
222 estiver correto, tal visão está totalmente errada. O que se perde é um tipo diferente do que se ganha. Mesmo  
223 no sucesso há uma perda e, comumente, não há sentido no julgamento de que se ganha mais do que se perde.  
224 Quando alguém se depara com opções valiosas e escolhe com sucesso uma delas, então simplesmente escolheu um  
225 modo de vida em vez de outro, sendo ambos bons e não suscetíveis à comparação de grau. (RAZ, 1996, p. 179).

226 Desse modo, dizer que alguns valores são incomensuráveis é afirmar que eles não podem ser sujeitos à  
227 comparação. Neste sentido, portanto, incomensurabilidade pode ser traduzida por incomparabilidade, tendo  
228 como implicação a "realidade de uma diversidade humana definitiva de formas incomparáveis de excelência ou  
229 florescimento humanos (e de uma igual diversidade de males incomparáveis)" (GRAY, 2000, p. 68-69). Essa  
230 leitura mais radical e drástica da incomensurabilidade afirma que não há "moeda comum" para a classificação  
231 dos bens últimos. Assim, "cada valor, sendo sui generis, não pode ser julgado em relação a nenhum outro valor,  
232 porque não há nada em relação ao qual ambos possam ser julgados ou medidos" (CHERNIS; HARDY, 2016).

233 De tal percepção depreende-se que, dentro de qualquer moralidade ou código de conduta humana, poderão ser  
234 desencadeados conflitos entre os valores últimos dessa moralidade ou código que não serão passíveis de mediação  
235 por meio do raciocínio teórico ou prático. Nas democracias ocidentais, por exemplo, bens como liberdade e  
236 igualdade, justiça e bem-estar "frequentemente [se] colidem na prática, [porque] são de natureza inherentemente  
237 rival, e seus conflitos não podem ser arbitrados por nenhum padrão globalizante" (GRAY, 2000, p. 57-58).

238 Cada um dos valores caros aos seres humanos também podem ser arenas de conflito e irredutibilidade dentro  
239 de si mesmos. Isto é, considerando que algumas virtudes humanas são complexas e inherentemente plurais, elas  
240 podem ser palcos para uma espécie de subconflitos, já que muitos são constitutivamente incomensuráveis. Se  
241 liberdade e igualdade não são bens totalmente harmoniosos, é possível separá-las e encontrar, em cada uma,  
242 duelos de valor. Ora, não seria exagerado afirmar, para evocar um exemplo mencionado por Isaiah Berlin, que a  
243 liberdade de informação e a de privacidade se entrechoquem. Afinal, se a primeira for levada à instância máxima,  
244 certamente limitará o escopo de realização da segunda. É igualmente possível identificar o mesmo conflito a  
245 partir da igualdade, se levarmos em conta que igualdade de oportunidade não é permanentemente compatível e  
246 comparável à igualdade de resultados.

247 Ampliando a percepção do fenômeno pluralista, chega-se a um outro aspecto das noções de incompatibilidade  
248 e incomensurabilidade dos valores, segundo o qual diferentes formas culturais vão gerar diferentes virtudes e  
249 moralidades. Essas, por sua vez, serão naturalmente refletidas em distintas acepções do bem -neste caso, comum,  
250 uma vez que dizem respeito à sociedade. Assim, "se existem muitos e genuínos valores competitivos, então,  
251 quanto maior a medida em que uma sociedade tende a ser de valor único, mais valores genuínos ela negligencia  
252 ou suprime" (WILLIAMS, 2013, xxvii).

253 Nisto reside o "tipo de incomensurabilidade aplicável a bens que são ingredientes constitutivos em modos ou  
254 estilos de vida inteiros" (GRAY, 2000, p. 58), como os engendrados por cosmovisões religiosas ou secularistas -para  
255 fazer menção a exemplo pertinente a esta dissertação. As formulações de Isaiah Berlin, é apropriado assinalar,  
256 são encontradas em contextos históricos, como o nosso, em que tradições culturais não são completamente  
257 individuadas e interpenetram uma a outra, possuindo uma herança plural de moralidades complexas. De fato, [...]  
258 nossa própria sociedade abriga uma diversidade de moralidades altamente complexas e pluralistas cujos conflitos  
259 são frequentemente travados em vidas individuais. (GRAY, 2000, p. 61).

260 V.

## 261 8 Considerações

262 É a partir do panorama examinado que se torna possível sustentar que o pluralismo de Isaiah Berlin nega "que  
263 possa ser formulada uma moralidade política coerente expressa num único princípio ou num sistema ordenado  
264 de princípios" (GRAY, 2000, p. 78).

265 Sob uma perspectiva pluralista, as pessoas e as sociedades estão sujeitas a um desacordo razoável e permanente,  
266 que opta por acomodar a discordância em relação ao bem a endossar uma visão particular e última de bem. A  
267 implicação prática desse compromisso não tem a ver com certa anomia em relação aos bens válidos. Ao contrário,  
268 os pluralistas aceitarão que alguma concepção do bem comum é inevitável, uma vez que as instituições básicas  
269 de qualquer sociedade refletirão alguma seleção geral e classificação de valores -qualquer sociedade viável terá  
270 alguma forma ética e política geral em termos dos valores que enfatiza. No entanto, os melhores arranjos políticos  
271 a partir de uma perspectiva pluralista irão incorporar uma concepção do bem comum que será maximamente  
272 acomodada para concepções mais específicas. (CROWDER, 2008, p. 935, tradução nossa). Do que se conclui,  
273 em exposição do nosso filósofo, que o pluralismo, com a dose de liberdade "negativa" que acarreta, parece-me um  
274 ideal mais verdadeiro e mais humano do que as metas daqueles que buscam nas grandes estruturas disciplinadas  
275 e autoritárias o ideal do autodomínio "positivo" por parte de classes, povos ou de toda a humanidade. É mais  
276 verdadeiro, pois pelo menos reconhece o fato de que as metas humanas são muitas, nem todas comensuráveis, e  
277 em perpétua rivalidade umas com as outras. Supor que todos os valores possam ser graduados numa única escala  
278 parece-me falsificar nosso conhecimento de que os homens são agentes livres, representar a decisão moral como  
279 uma operação que uma régua de cálculo poderia, em princípio, executar. [...] É mais humano porque não priva os  
280 homens (como o fazem os construtores de sistema), em nome de algum ideal remoto ou incoerente, de muito que  
281 eles têm considerado indispensável para sua vida como seres humanos que imprevisivelmente se transformaram  
282 a si mesmos. (BERLIN, 2002, p. 272, grifos do autor). Do projeto intelectual de Isaiah Berlin podemos extrair  
283 considerações de importância crucial para a atualidade, tais como: a inviabilidade de um grupo reivindicar o  
284 domínio sobre outro ou mesmo a hegemonia sobre a definição do que é o bem comum; a existência de dilemas  
285 éticos reais, em virtude de diferentes soluções morais, que não são facilmente solucionáveis; e a aceitação de  
286 diversos conjuntos de valores dentro de uma sociedade, o que certamente tem implicações no debate público, no

## 8 CONSIDERAÇÕES

---

287 exercício político e na elaboração de políticas públicas -já que não há apenas uma visão "oficial" do que constitui  
288 o bem comum.

289 Os desafios da convivência social talvez sejam uma das razões pelas quais a obra de Berlin tem despertado  
290 maior interesse de leitores, acadêmicos ou não, ao redor do mundo nos últimos anos. Há um vasto campo de  
291 possibilidades de estudo pela frente.

292 Volume XXI Issue VI Version I 48 ( ) <sup>1 2 3 4</sup>

---

<sup>1</sup>No ensaio, Berlin usa como epígrafe um fragmento do livro 1 da Ética a Nicômaco, principal obra de Aristóteles no campo da ética, que aqui transcrevemos: "Ora, como são muitas as ações, artes e ciências, muitos são também os seus fins" (ARISTÁ?"TELES, 1991, s/p).

<sup>2</sup>Year 2021 F © 2021 Global Journals From Incompatibility to Incommensurability: Notes on Isaiah Berlin's Value Pluralism

<sup>3</sup>Year 2021 F From Incompatibility to Incommensurability: Notes on Isaiah Berlin's Value Pluralism

<sup>4</sup>© 2021 Global JournalsFrom Incompatibility to Incommensurability: Notes on Isaiah Berlin's Value Pluralism

- 
- 293 [Macintyre et al. ()] , Alasdair Whose Macintyre , Justice? Whose , Rationality . 1988. Notre Dame: University  
294 of Notre Dame Press.
- 295 [Berlin ()] ‘A força das ideias. Organização de Henry Hardy’. Isaiah Berlin . *Companhia das Letras*, (São Paulo)  
296 2005. (Tradução de Rosaura Eichenberg)
- 297 [Berlin (ed.) ()] *Against the Current: Essays in the History of Ideas*, Isaiah Berlin . Henry Hardy. 2. ed. Princeton  
298 and Oxford (ed.) 2013. Princeton University Press.
- 299 [Williams (ed.) ()] *Concepts and Categories: Philosophical Essays*, Bernard Williams . Henry Hardy. 2. ed.  
300 Princeton and Oxford (ed.) 2013. Princeton University Press. p. . (Introduction)
- 301 [Annan et al. ()] ‘Estudos sobre a humanidade: uma antologia de ensaios’. Noel Annan , ; Prefácio , Isaiah Berlin  
302 . *Companhia das Letras*, Henry De, Hardy E Roger Hausheer, Rosaura Tradução De, Eichenberg (ed.) (São  
303 Paulo) 2002. p. .
- 304 [Berlin ()] ‘Estudos sobre a humanidade: uma antologia de ensaios’. Isaiah Berlin . *Companhia das Letras*, Henry  
305 De, Hardy E Roger Hausheer, Rosaura Tradução De, Eichenberg (ed.) (São Paulo) 2002.
- 306 [Hausheer et al. ()] ‘Estudos sobre a humanidade: uma antologia de ensaios’. Roger Hausheer , ; Introdução ,  
307 Isaiah Berlin . *Companhia das Letras*, Henry De, Hardy E Roger Hausheer, Rosaura Tradução De, Eichenberg  
308 (ed.) (São Paulo) 2002. p. .
- 309 [Raz ()] *Ethics in the Public Domain: Essays in the Morality of Law and Politics*, Joseph Raz . 1996. Oxford:  
310 Clarendon Press.
- 311 [Jahanbegloo ()] *Isaiah Berlin: com toda liberdade*. Tradução de Fany Kon, Ramin Jahanbegloo . 1996. São  
312 Paulo: Editora Perspectiva.
- 313 [Berlin ()] ‘Limites da utopia: capítulos da história das ideias. Organização de Henry Hardy. Tradução de Valter  
314 Lellis Siqueira’. Isaiah Berlin . *Companhia das Letras*, (São Paulo) 1991.
- 315 [Berlin (1930)] *Some Procrustations*, Isaiah Berlin . <[http://berlin.wolf.ox.ac.uk/published\\_works/singles/bib3.pdf](http://berlin.wolf.ox.ac.uk/published_works/singles/bib3.pdf)> May. 1930. Oxford Outlook, Oxford. 52 p. .
- 317 [Cherniss et al. ()] *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Stanford, 21 set, Joshua ; Cherniss , Henry Isaiah Hardy  
318 , Berlin . <<https://plato.stanford.edu/entries/berlin/>> 2016.
- 319 [Cherniss et al. ()] *The Development of Isaiah Berlin’s Political Thought*, Joshua L Cherniss , Mind , Its Time .  
320 2013. Oxford: Oxford University Press.
- 321 [Raz ()] *The Morality of Freedom*, Joseph Raz . 1988. Oxford: Clarendon Press.
- 322 [Kekes ()] *The Morality of Pluralism*, John Kekes . 1993. Princeton: Princeton University Press.
- 323 [Gray and Berlin ()] *Tradução de Fábio Fernandes*, John Isaiah Gray , Berlin . 2000. (Rio de Janeiro: DIFEL)
- 324 [Berlin ()] *Uma mensagem para o século XXI*. Belo Horizonte: Editora Áyiné, Isaiah Berlin . 2016.
- 325 [Crowder and Berlin (2008)] ‘value pluralism and the common good: a reply to Brian Trainor’. George  
326 Crowder , Berlin . 10.1177/0191453708094730>. <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0191453708094730>> *Philosophy & Social Criticism*, v Oct. 2008. 34 (8) p. .